

UM OLHAR PARA O TRÁGICO ATRAVÉS DA LITERATURA BRASILEIRA CLÁSSICA E O FAZER EM ENFERMAGEM: UM ELO ENTRE MENTE E CORPO

Maria das Dores Lara

Mestra em Literatura Brasileira: Tradição e Ruptura Instituição: CES/JF; Pós-graduada em Saúde Pública, Instituição UNAERP; Pós-graduada em Psicopedagogia / Instituição: Fundação Rosemar Pimentel
Graduada em Enfermagem e Obstetrícia.

E-mail: maria.lara@ufjf.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2024.V3N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2024.V3N4-21>

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma vertente pouco explorada da interface entre as ações da enfermagem de forma holística: corpo-mente e sua correlação com o texto ficcional imaginário baseado na obra *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, de Marçal Aquino (2005). Os elementos do trágico da tragédia literária clássica foram estudados através de uma pesquisa bibliográfica num curso de mestrado em letras: tradição e ruptura, entre 2012 a 2014 no CES/JF. Buscou-se como metodologia a reflexão crítica da interação comportamental no contexto multidisciplinar. Acredita-se ser esta uma vertente repleta de possibilidades de olhares sobre o limite humano.

PALAVRAS-CHAVE: literatura clássica, enfermagem, corpo e mente.

A LOOK AT THE TRAGIC THROUGH CLASSIC BRAZILIAN LITERATURE AND NURSING: A LINK BETWEEN MIND AND BODY

ABSTRACT: This work presents a little explored aspect of the interface between nursing actions in a holistic way: body-mind and its correlation with the fictional text imaginary based on the work *I would receive the worst news from your beautiful lips*, by Marçal Aquino (2005). The tragic elements of classical literary tragedy were studied through of a bibliographical research in a master's degree course in literature: tradition and rupture, between 2012 to 2014 at CES/JF. The methodology sought was critical reflection on interaction behavioral in the multidisciplinary context. This is believed to be an aspect full of possibilities for looking at human limits.

KEYWORDS: classical literature, nursing, mind and body.

INTRODUÇÃO

A enfermagem possui uma ampla literatura voltada para a área biomédica. Para o enfermeiro comprometido com o coletivo, representa um desafio: o fazer na arte e a arte no fazer, colocando em prática o slogan traçado historicamente como o tripé: enfermagem: arte-ciência-ideal. Enxergar também a arte literária, com seus caminhos metodológicos, na arte de ser enfermeira, torna-se mais um complemento de atenção de

forma holística ao cliente-paciente sob seus cuidados.

Visando descortinar novos horizontes, procurou-se estabelecer uma conexão entre a literatura clássica brasileira, com seus métodos e ideologias, como um desafio para melhor entender a dinâmica do contexto socioeconômico e cultural dos pacientes sob cuidados profissionais enquanto enfermeira num Hospital público federal, vinculado ao Ministério da Educação, portanto, seguindo o regime jurídico único (RJU), da União.

O programa de Incentivo à qualificação de Técnicos-Administrativos da federação foi instituído pela Lei n.º 11.091, de 12 de janeiro de 2005, que tem como foco principal em seu anexo do Decreto n.º 5.824 de 29 de junho de 2006: o estabelecimento da língua portuguesa, com carga horária mínima exigida, como curso de capacitação que não seja de educação formal, e, com este respaldo legal poderia se atingir a progressão por capacitação, abrangendo todos os servidores, independentemente do ambiente organizacional.

Na concessão do Incentivo à qualificação e à efetivação do enquadramento por nível de capacitação dos servidores integrantes do Plano de carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, estabelecemos um link entre estas duas áreas: - letras e enfermagem visando mais que uma prática acadêmica do mestrado em Letras baseada numa pesquisa exploratória, na elaboração textual, no confronto com uma banca examinadora qualificada e na apresentação de uma dissertação baseada numa obra literária brasileira, como também uma opção a mais para entender o paciente de forma holística.

Dentre as amplas áreas contempladas na lei, cita-se “Letras – Habilitação em Língua Portuguesa ao nível de graduação e área de Língua Portuguesa ao nível de pós-graduação”. A metodologia utilizada fundamentou-se na tese de que a literatura e a língua portuguesa se encontram em todas as áreas de atuação das instituições vinculadas à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e, desta forma, a enfermagem não poderia ficar aquém desta realidade.

Há que se pensar na fundamentação literária como essência da vida representada através da arte, porém a dor transcende os limites poéticos, que muitas das vezes não se manifestam através da palavra. Pode-se comprovar através da riqueza da linguagem

biomédica que se fazem entender por meio de pequenos sinais refletidos nas linguagens do corpo, como, por exemplo, expressões profissionais através da troca de olhares sob óculos, lágrimas contidas, sorrisos estampados debaixo das máscaras após reações dos pacientes como alterações positivas dos sinais de vida, tipos de choros infantis e demais gestos que refletem positividade ou negatividade diante da nossa proposta humana e profissional.

Cumprindo uma exigência do curso *stricto sensu* de mestrado em letras, a dissertação focou-se na obra *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, de Marçal Aquino (2005), buscando os elementos da tragédia clássica (intriga, caráter, ideia ou pensamento, dicção e espetáculo), enquanto romance apresentado com amores, conflitos afetivos, adultério, prostituição, agressão infantil, pedofilia, dentro outros. Estes demonstram o que traz a reflexão para uma temática atual, representada por um mosaico literário, em uma espécie recortada de uma sociedade contemporânea, procurando perceber esta relação com a realidade vivenciada dentro de alguns dos lares de clientes sob nossos cuidados, nos fazendo crer que a doença física possa, em muitas das vezes, ter como origens além da hereditariedade, mas o conflito entre os problemas socioeconômicos culturais e a capacidade de se equilibrar entre eles.

Na dissertação do mestrado escrita pela autora deste artigo, intitulada *Entre o amor e a ruína- os elementos do trágico no romance Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, procurou-se situar o homem como o único ser ciente de que irá morrer e viver para a morte, tornando-se, por meio desse pensamento, um personagem, irremediavelmente trágico. Em todas as suas investidas, o ser humano busca sempre uma forma de eternizar-se. É o único ser consciente da dor, física ou moral, da dor que surge do abandono e da rejeição social. Assim, ele encontra, nesta certeza, o desejo maior e incompatível com a sua condição, a imortalidade.

Para Miguel de Unamuno (1996, p. 175), a imortalidade é uma característica do amor entre os homens, pois só quer eternizar-se aquele que ama; contudo, sua condição trágica é ter conhecimento de sua mortalidade.

Sobre a morte, Hélio Pellegrino (2013, p. 1) esclarece:

A morte não representa, para o homem, uma possibilidade como as outras. Nem é ela um acidente, alguma coisa que o assalta de fora, como um ladrão, e lhe rouba drasticamente a existência. A morte significa, ao contrário, um elemento construtivo fundamental do ser do homem, a invariante, a partir da qual todas as variáveis ganham sentido e se enraízam em uma perspectiva humana. O homem morre a cada instante de sua vida, e essa morte traz consigo, no cerne de sua substância ontológica, o que lhe impõe, também, a cada momento, a tarefa de nascer. Porque morremos, urge nascer. Porque somos finitos, existe em nós a vocação de arrancar o infinito, com nossa insônia. Se estamos acordados e vigiamos, é porque sabemos que nos está reservado um sono sem limite. Desta forma, a consciência da morte representa o mais alto ponto de individualização a que se pode chegar o ser humano. Aceitando a morte, o homem se aceita total e absolutamente, pois toma como centro de referência, para significar-se, a sua possibilidade mais radical e absoluta.

Com este olhar, a morte passa a não ser possibilidade, ela ronda o homem desde a sua concepção, e, ao nascer, começa-se a morrer e, para fugir da morte, vive-se mais intensamente. Sabe-se que ela virá, que os vivos são mortais; essa certeza faz o homem aceitar, segundo Pellegrino (2013), também a vida. Ainda faz o ser humano desejar a imortalidade, ainda que utópica e inexistente.

Em “Baú de ossos”, Pedro Nava, (1976), reporta a morte da prima Nair, a “donzela morta” em virtude da Gripe Espanhola, em 1918 como um limite e vulnerabilidade entre o humano e o espiritual em que epidemias e pandemias têm o poder de nos interiorizar, nos isolar e, ao mesmo tempo nos conectar com nosso papel a que viemos.

Neste contexto, a prima Nair era a Epônima, que representava as muitas pessoas que perderam suas vidas.

[...] Quando a febre passou e começamos a curar, percebi que aquilo não era mais ilusão dos ouvidos e interpelei a epônima. Ela respondeu com a verdade. Era a Nair que caíra e estava piorando sempre, [...] vim devagar pelo corredor, a porta da Nair estava aberta, parei, olhei e fiquei aterrado. Não era a moça radiosa que eu conhecia [...] a Nair estava morrendo [...] Acabara. [...] Saíra da mala o vestido que devia servir no casamento e vimos deitado o jacente de uma noiva de mármore. [...] De repente olhei para um dos espelhos venezianos e estremei. Ele reproduzia o outro e os dois repetiam numa cripta imensa de cada lado da sala, dez, vinte, cem, mil, undes mil virgens mortas cujos rostos iam se cavando e arroxendo na medida que progredia o dia. (NAVA, 1976, p. 207-209).

Com o apoio das questões citadas e, por meio de uma pesquisa bibliográfica, na obra *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, de Marçal Aquino (2005),

procurou-se desenhar um universo voltado para as discussões relativas aos elementos do trágico literário. A evolução do conceito do trágico foi delineada por um viés histórico por meio de um deslocamento do texto clássico para a atualidade, bem como o desafio de relacionar uma ficção com a relevância de enfrentamento da realidade no dia a dia, como enfermeira, em um hospital universitário.

Suscitar a discussão sobre uma conexão literatura-enfermagem torna-se um exercício de respeito às diferenças e similaridades, tomando como base os conceitos éticos, morais, afetivos e socioeconômico e culturais que nos agregam valores, experiências, sentimentos e ações nos levando a fascinação, comoção e aprendizado de vida devido ao amadurecimento naturalmente vivido. Esse amadurecimento pode levar a uma aproximação de um ser com outro, fazendo repensar nossas fraquezas enquanto humanos como parte de um todo maior. Esta aproximação do eu com o outro, com respeito às diferenças, torna o homem grandioso. É a busca do sublime, originário do latim sublimes, que significa “que se eleva”, como algo que transcende o belo, o extraordinário e o grandioso, designando a amplitude das qualidades.

De acordo com Aristóteles, Horácio e Longino (2005, p. 76), o sublime torna-se o total desapego aos bens materiais na busca de uma elevação espiritual:

O sublime é uma espécie de grandeza da alma que leva o homem a desprezar os bens materiais, como riquezas, fama, realeza, tudo mais que apresenta uma exterioridade teatral. Esse desprendimento de alma que caracteriza o sublime é o de quem, podendo possuir bens, o despreza.

Torna-se importante ressaltar que a inversão dos valores materiais e a sublimação podem ser modificadas com a dor e a proximidade da morte, porque o sofrimento pode desnudar conceitos e preconceitos, e apresentar, ao seu modo, como caráter educativo, moral, ético para se sentir numa “elevação espiritual”. Isto é manifestado pelo respeito aos pensamentos, aos sentimentos, às ações e reações do outro, e que as dores do corpo e da mente podem acentuar a sensação de empatia, ou seja, se colocar no lugar de outra pessoa como se estivesse vivendo a mesma situação, é sentir o que o outro sente sem sentir com ele, é sentir por ele, e, desta forma, poder ter atos solidários, profissionais e humanitários.

Há que se diferenciar empatia e compaixão, embora possam parecer sinônimos. A

compaixão é "sofrer com", por exemplo, você pode sentir compaixão por um animal sem reconhecer nele o seu lugar. A compaixão vem do coração e se manifesta na vontade e na benevolência em relação a tudo que é vivo. Quando a compaixão e a empatia se fundem, nossas lições nos conduzem para a imortalidade.

A importância desta pesquisa se faz a partir de uma obra ficcional que não é apenas um entretenimento, mas é útil à valorização dos sentimentos, no entendimento do outro, na inclusão social dos grupos ditos “minoritários” e no estabelecimento de uma dicotomia entre o acerto e o erro na vida do ser humano. Vale ressaltar também que tal importância perpassa pela tomada de consciência da interação disciplinar no leque de opções que se abre para a enfermagem e a literatura brasileira, expandindo um saber e um fazer de forma metodológica, obedecendo a padrões científicos sem sobreposições de áreas de atuação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Visando uma diferenciação didática entre tragédia e trágico, Bueno (2007, p. 763) define tragédia como uma peça teatral que termina em desgraça, ou seja, a arte de fazer ou representar acontecimentos que despertam piedade ou terror, já o trágico é relativo à tragédia, algo funesto, sinistro.

Pode-se estabelecer um paralelo entre corpo, mente e enfermagem. No que diz respeito ao conjunto de ações que abarcam o profissional e o cuidado com o outro, podemos citar o psicólogo Maslow, na década de 40, quando propôs didaticamente as necessidades humanas em forma de uma pirâmide com cinco etapas, cuja base, sustentáculo ou primeira etapa se encontram as necessidades básicas de sobrevivência como respiração, alimentação, sono, excreção, etc. Elevando esta pirâmide, vêm as necessidades de segurança, emprego, recursos financeiros, segurança familiar. No terceiro patamar crescente, abarca as necessidades sociais, familiares, amizades, relações interpessoais. Subindo a pirâmide, encontram-se as necessidades de estima, de autoestima, de confiança, de realizações pessoais. Já no topo da pirâmide por Maslow sugerida, está a autorrealização, a busca do potencial máximo humano e de se manter nele, é o momento de se aceitar e saber-se ser aceito, é o ponto máximo também para aceitar o outro.

A busca deste grau máximo é idealizada por todos os seres humanos, porém, na dor concreta do outro, a enfermagem depara com o paradoxo corpo-mente se desmoronando. Esta é a hora de exercitar o equilíbrio deste corpo e desta mente, e, sem perder o olhar na finitude dos limites humanos, é hora de enxergar a catarse, termo designado ao alívio da dor e da depuração dos sentimentos que a levou ao cliente/paciente, é hora de colocar em prática o "arte-Ciência e ideal", transformando as teorias em ações, exercitando seus neurônios-espelhos cerebrais com foco na empatia, vendo a felicidade do outro como vizinha da sua.

Na tragédia antiga, a punição dos súditos era retratada através da expiação dos maus comportamentos sociais, servindo de exemplos para perpetuar o tempo. Na atualidade os conceitos de trágico e tragédia se amalgamam e vemos o trágico na dor e no sofrimento, mas que, de certa forma, banalizaram-se pelo excesso de fatos similares que entram em nossas casas todos os dias, através da mídia e causam impacto apenas momentâneo, pois são logo substituídos por outros. Isto se faz verdade, especialmente em tempos de pandemias, em que o pânico perpassa muito mais pelo crescimento assustador do número de infectados e mortes do que pela importância de cada vida.

Conceituando, a tragédia é um gênero, uma poética, um modo de fazer, é para ser encenada, diferindo-se do trágico que se refere à qualidade do texto de uma determinada situação, possui filosofia, pensamento e reflexão, refere-se a algo monumental, grandioso, esplêndido, porém com conotação de negativismo e pode estar em qualquer lugar, a qualquer tempo e vulneráveis a qualquer pessoa.

Assim, um hospital, enquanto um estabelecimento paradoxal entre trazer a vida com os nascimentos e até com o sucesso das chamadas no meio biomédico de "ressuscitação", é também um espaço de dor, de reflexão, de certeza dos limites humanos e de morte. Este é o lado trágico que os profissionais de saúde, tentam driblar, associando o lado humano do "gente cuidando de gente".

Cuidar é, em primeiro lugar, ter compaixão. E assim, Embla Rhodes descreve:

Enquanto houver histórias de amor, o homem pode evitar o encontro do trágico com a loucura. A única condição é permanecer vital. [...] a maior descoberta do homem será o dia em que souber que metade de si é comunhão e a outra é compaixão.

O termo tragédia tem origem na Grécia antiga por volta dos séculos V e VI, devido às festas anuais em Atenas por ocasião da vindima (vinho novo) em que os “homens bodes”, assim denominados devido às suas vestes disfarçadas com peles de cabras, se embriagavam, cantavam e dançavam. Teria nascido o termo tragédia, sendo tragos (bode) e ode (canto), resultando em tragédia em latim e tragédia em português. Assim, os conflitos humanos, em geral conviviam com os perigos inauditos e as prodigiosas seduções da vida material, além do paradoxo consistente entre o desejo de liberdade, de beleza, de uma vida plena de grandeza e do saber.

Como elementos textuais da tragédia, temos: a alma representada pela intriga, personagem, pensamento, diálogo, música e espetáculo. A alma é a razão de ser do corpo, cada indivíduo, cada ser vivo, possui um princípio vital diferente, ou seja, uma alma diferente. Conforme Alison Valdega 2013, p.2, a alma vegetativa é a que se reproduz e cresce; a sensitiva é a dos animais irracionais, que, além de reproduzir-se e crescer, tem movimentos e percepção do mundo, e, finalmente, a alma racional, que reúne todas as capacidades anteriores acrescidas do raciocínio.

Para se determinar a definição de tragédia, torna-se necessário consultar autores como Aristóteles (2007, p. 13), que define a tragédia como:

[...] a imitação de uma ação completa com princípio, meio e fim, ação que deve comportar certa extensão. Seu objetivo é a catarse, ou mais exatamente obter, provocando a compaixão e o temor, a purificação da emoção teatral.

Além disso, Giovanni Reale e Dario Antiseri (1990, p. 88), definem alma vegetativa como aquela que regula as atividades biológicas, preside a reprodução, o desenvolvimento de toda forma de vida; a alma sensitiva como aquela que rege as sensações e a alma complexa, ou seja, a que é originária do conhecimento inteligível, sobrepondo a forma sensível.

Representada pela intriga, a alma passa a fazer o papel da composição verbal, o muthos, que leva o texto a transformar-se em narração. Sua organização seleciona as ações e os acontecimentos, organizando-os de forma que a narrativa tenha começo, meio e fim, desenvolvendo-se a ação dramática. Esta ação é o início que vai converter-se na mudança do destino por meio de uma sucessão de incidentes aterradores e surpreendentes, dando origem à peripécia. Durante seu curso de ação, vai desatando os nós e selando o

destino do herói, despertando, assim, o terror, a piedade e a catarse no espectador como uma passagem do sofrimento à cura, ao agradável, à purificação, ao alívio pela satisfação de uma necessidade moral. A palavra catarse, ou *kátharsis*, é um termo originário da medicina grega que significa purificação, purgação, mênstruo, alívio da alma pela satisfação de uma necessidade moral (Fernandes; Guimarães, 1993, p. 202).

Se considerarmos as obras trágicas brasileiras, quer sejam teatrais, cinematográficas ou escritas, que ensejam a purificação da alma, enquanto efeito catártico, dificulta-se alcançar a “tal felicidade” diante de tamanha banalização, mesmo abordando tantos conflitos humanos enquanto princípios universais. Nesta linha de pensamento, Célia Sebastiana (2013, p.2) questiona a contradição grega:

Os gregos, em meio à grande massa humana, são considerados, na Antiguidade clássica, a mais perfeita, a mais bela, a mais invejada, a mais impelida para a vida de todas as raças ou gerações. Mas foram também eles, os que mais necessitaram da arte da tragédia.

A autora completa seu pensamento do seguinte modo: “Se hoje vamos aos terapeutas para aliviarem as dores da alma, os gregos, na tradição clássica, iam ao teatro para expurgar suas próprias dores no palco”.

Na medicina atual, usa-se a palavra “purgação” com o sentido de eliminação do que há de ruim no corpo, como secreções purulentas, catarro, vômitos e menstruação (ato de eliminar o fluxo sanguíneo pela não concepção da vida). Desta forma, expurgar passa a ser depurar, limpar. Chamamos de expurgo o espaço hospitalar usado para se colocar o material considerado sujo ou contaminado.

Na compreensão de que, ao eliminar tais secreções, purifica-se o corpo e a mente, na teoria da tragédia, a “purgação” das paixões (éleos) acontece após a piedade e o terror (*phobos*), daí o nome fobia, porém a purgação na tragédia ocorre somente após a “compaixão”.

Baseada nas questões acima, pode-se pensar que a dor e a morte, de forma consciente ou não, representam agressões físicas, psicológicas, sociais, econômicas e espirituais, agindo como transgressão dos limites humanos. Numa diversidade de olhares, quase em contraponto a esta afirmação, Graça Aranha retrata:

A dor é boa, porque faz despertar em nós uma consciência perdida; a dor é bela, porque une os homens. É a ligação intensa da solidariedade universal. A dor é fecunda, porque é a fonte do nosso desenvolvimento, a perene criadora da poesia, a força da arte. A dor é religiosa, porque nos aperfeiçoa e nos explica a nossa fraqueza nativa.

Com este mesmo olhar, a campanha da fraternidade de 2020 trouxe como tema: fraternidade e vida: Dom e compromisso e o lema bíblico foi “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”. E o que é o ser enfermagem sem compaixão pela dor e pelo sofrimento alheio?

ARGUMENTAÇÃO

Embora o objetivo do curso tenha sido a busca de fundamentos literários em alguma obra cujo autor fosse brasileiro, com amplitude multidisciplinar vislumbrou-se a oportunidade de pautar uma trajetória alicerçada em dois eixos: a produção de conhecimentos literários e a relação destas com a vida cotidiana da profissão: enfermagem.

Passar de uma obra literária para o cotidiano profissional foi apenas um salto da imaginação-realidade em que a problemática humana se entrelaça, fazendo perceber que as obras simplesmente existem. Contemplá-las ou não, relacioná-las com a realidade ou não depende do leitor. A vida não existe simplesmente. Ela deve ser contemplada em cada fase. Cada fase tem sua beleza, sua importância, sua razão de ser e de estar. A obra por si só é estática, cabendo ao autor e ao leitor darem vida a ela. A vida é movimento constante, é crescimento, é imprevisível.

Ao abordar a problemática do trágico e da tragédia há que se pensar em seus elementos, conceitos, diferenças e suas alterações ao longo do tempo desde seu surgimento por volta dos séculos V e VI sendo este considerado o primeiro estágio, perpassando por Shakespeare, século XVI, permaneceu esteticamente até o século XIX, segundo estágio, e, com o advento do iluminismo, se realizou uma nova ordem objetiva, a resistência à realização de desejos e projetos. O século XX marca o terceiro estágio, que foca nas questões filosóficas e intelectuais sobre a tragédia, passando da condição literária, para ser a tragédia do homem mortal e sua impotência diante do sistema social.

Considera-se o quarto estágio contemporânea caracterizada pela internalização

dos espetáculos quer seja através de noticiários falados, escritos ou encenados, filmes, novelas ou impressões físicas ou virtuais, que, por abarcarem um universo muito grande de pessoas de todas as classes sociais e políticas, e pela sucessibilidade de fatos, ocorrem o risco de se banalizarem, embora os veículos de imprensa as disseminem cotidianamente de forma ética, moral e em tempo real ou quase real.

Ao fazer uma viagem literária à Grécia antiga clássica enquanto ciência dos ensinamentos e das reflexões que influenciaram o homem grego de então pode-se pensar que a tragédia não foi criada aleatoriamente, mas, como gênero, permitiu ao homem a noção de sua própria posição no universo.

Traçando um paralelo entre os elementos do trágico antigo baseado em Édipo Rei, de Sófocles (Trad. 2007), e o moderno na obra Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios, de Marçal Aquino pode-se estabelecer um link com a enfermagem psiquiátrica, buscando a fragilidade dos laços humanos com enfoque que segundo Baktin (1981, p. 104), “O duplo aparece às vezes como consciência do herói” e, neste caso, o múltiplo torna-se trágico.

Na obra, objeto deste estudo, Marçal Aquino traça o viver e o conviver com a dor no comportamento da protagonista Lavínia como portadora de Psicose Maníaca Depressiva (PMD), que ao enlace do enredo se manifesta com personalidades distintas, “como uma flor solitária, uma parte resplandecente e outra encoberta pelas sombras”. Em uma dualidade comportamental, a protagonista Lavínia sentia-se portadora de uma maldição com variações de humor entre a euforia e a profunda depressão. Com uma identidade frágil, a personagem Lavínia, de Marçal Aquino, foi marcada por uma trajetória pontuada de dúvidas e de angústias intempestivas e obsessivas alternando-se por períodos distintos da vida num triângulo amoroso: Lavínia para Ernani (seu marido, pastor evangélico), Shirley para Cauby (seu amor extra conjugal) e ao final, Lavínia, como Lúcia, numa terceira identidade, imposta por Ernani pouco antes da sua morte. Quando em tratamento num hospital psiquiátrico, Lavínia e Cauby se reencontram, iniciando um relacionamento maduro que se solidifica e assim provoca o seguinte desfecho:

Têm sido assim meus dias. Sou mais feliz que 97,6% da humanidade, nas contas do Professor Schianberg. Faço parte de uma ínfima minoria, integrada por monges trapistas, alguns matemáticos, noviças abobadas e uns poucos artistas, gente conservada na calda da mansidão à custa de poesias ou barbitúricos. Um clube de dementes de categorias variadas, malucos de diversos calibres. Gente esquisita, que vive alheia às frestas da realidade... [...] uma reserva de sonho contra tudo que não é doce, sutil ou sereno. É o mais próximo da felicidade que podemos experimentar. Não sei que nome você daria a isso. Bem, não importa muito, chame do que quiser. Eu chamo de amor.

CONCLUSÃO

Considerando a diversidade e abrangência da literatura em seus aspectos culturais, sociais e psicológicos, tentou-se estabelecer uma linha tênue entre as duas áreas de conhecimento: literatura e enfermagem.

A realização de um mestrado em letras: tradição e ruptura, realizado por uma enfermeira assistencial trouxe como um desafio a convivência com vocabulários específicos e autores desconhecidos até então, que, com sua essência, reconhecem os sujeitos literários em uma técnica ética, moral, social e espiritual unindo pessoas de corpo e mente.

O escritor, referência desta pesquisa, expressa sentimentos imaginários ou reais, envolvendo ações policiais, contexto histórico ou suspense envolvendo o amor primando pela ética, pela coerência, pelo despertar do envolvimento, da curiosidade, porém, ao final sugestiona-se em mudanças de pensamentos e de comportamentos por meio de exemplos. Enxergar o “eu” limitado, imperfeito, mortal, fazendo parte de uma realidade supostamente infinita, perfeita e imortal, torna-se nosso lado trágico paradoxal e, na obra pesquisada, o duplo literário transforma em arte com contornos íntimos, emocionais e trágicos, mesclando o auto contemplar e o autoflagelar-se como uma ambiguidade humana para reconhecer que todo ser humano tem seu lado insondável, podendo ser ora narcisista, ora masoquista.

A realidade excêntrica e contraditória do mundo contemporâneo, seja no mundo ficcional ou na realidade, nos dá o livre arbítrio causando fascinação e nos convida a enfrentar os desafios, a valorizar cada conquista, a expandir nossas mentes por meio do compromisso com a realidade contra a libertação dos desejos e, assim, viver neste mundo

quase imaginário. A junção do bem e do mal resulta na maturidade, na firmeza humana, no autoconhecimento e na sensibilidade, assim, amor e desejo se fundem e se equilibram. O psicanalista Freud, citado por Gaspar (2011) p. 31, preceitua: “quando contrapõe às pulsações de morte, as pulsões de vida – ou ligação, ou Eros, ou o amor”, desta forma, coloca os seres humanos como partes opostas que se fundem, vida e morte ou Eros e Tanatos mesclam-se, completam-se e organizam-se.

A ciclotimia é classificada como doença mental em que as pessoas apresentam variações alternadas de humor com fases de bem-estar, energia, alegria e por dias de leve depressão, porém não chegam a procurar ajuda terapêutica. Atualmente, é relatada e conhecida como quadro de bipolaridade ou psicose maníaco-depressiva (PMD). Tais comportamentos foram muito bem retratados na personagem Lavínia, protagonista da obra. Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios, por Marçal Aquino.

Debruçar nesta obra de Marçal Aquino não desperta apenas um entretenimento, mas perpassa por um olhar contemporâneo que procura a essência da condição humana no universo, que é incerto, imprevisível, inseguro, e, apesar e além de tudo, BELO.

Como “a vida representa a arte e esta a vida”, pode-se ver no hospital que na dor as pessoas expressam os mais variados sentimentos, e na literatura os poemas também podem sangrar, mesmo que não escorra aquele líquido vermelho entre os dedos. Poemas nos fazem desidratar em lágrimas de alegria ou de tristeza. Poemas, fazem pensar e (re)pensar atos e a dor, por ser subjetiva, pode ser somatizada. Poemas podem nos fazer mudar de atitudes através de novas atitudes, e, se colocados no lugar do outro, pode-se sentir que tudo pode acontecer com qualquer pessoa em qualquer lugar ou tempo. O sofrimento e a dor nos distanciam dos sonhos. E quantas vezes, nós, profissionais de saúde, engolimos nossas lágrimas diante da limitação humana perante os sonhos desfeitos, castelos desmoronados através da morte que surge desafiadora numa disputa sem precedentes? E o que há de mais trágico senão a luta cerrada entre a proximidade da morte contra a busca dos profissionais de saúde pelo prolongamento da vida?

Concluindo, neste olhar sobre os limites humanos de existência, pode-se traçar uma interface entre a enfermagem como o cuidado da vida em ação e “a literatura como o sopro da vida em inspiração. E expiração.”

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Marçal. **Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ARISTÓTELES, **Tópicos dos argumentos sofisticados, metafísica, ética a Nicômano, poética**. São Paulo: Nova cultural, 1973. (Os pensadores, v. 4).
_____, In: GONÇALVES, Márcia Cristina Pereira. **O belo e o destino**. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____, HORÁCIO, LONGINO. 12. Ed. **A poética clássica**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.
- BAKHTIN, Mikail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1981.
- BATAILLE, Georges. **A literatura do mal**. Lisboa: Veja, 1998.
- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- BRANDÃO, Junito. **Teatro grego: origem e evolução**. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- CAMPOS, Cecy Barbosa. **O reverso do mito e outros ensaios**. Juiz de Fora: Editar, 2002.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: contraponto, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- GASPAR, Ana. O eu e o outro num só: o olhar psicanalista sobre o duplo em literatura comparada. **Revista brasileira de psicanálise**. São Paulo, v. 45, n.1, p. 1-10, 2001.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós moderna**. São Paulo: José Olympio, 2002.
- MENDES, Moema Rodrigues Brandão (Org.). **Colar de contos premiados: Maria de Lourdes Abreu de Oliveira**. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2006.
- MULINACCI, Roberto. No encaço do trágico. A tragédia, o romance e os paradoxos da modernidade. In: FINAZZI-AGRO, Ettore; VECCHI, Roberto (Org). **Formas e mediações do trágico moderno: uma leitura do Brasil**. São Paulo: Unimarco, 2004.
- NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. **A origem da tragédia: proveniente do espírito da música**. Trad. Márcio Pugliesi. Rio de Janeiro: Madras. 2005.
- NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- OLIVEIRA, Marcos Vinícius Ferreira de. **Tecidos em ruínas: fabricação e corrosão das Cataguases no Inferno Provisório de Luiz Ruffato**. Cataguases Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de São Paulo, 2013.
- OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. (Org.) **Caminhos da narrativa ficcional**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2007.

PELEGRINO, Hélio. **Caminhos, palavras e vidas.** Disponível em [http://www.blogspot.com.br.2013-11-01 arcjive.html](http://www.blogspot.com.br.2013-11-01_arcjive.html). acesso em: 5 abr.2013.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da filosofia.** Antiguidade e idade Média. São Paulo: Paulus, 1990. V. 1.

PERCY, Allan. **Nietzsche para estressados.** 99 doses de filosofia para despertar a mente e combater as preocupações. Trad. Rodrigo Peixoto. Rio de Janeiro: sextante. 2011.

RESENDE, Beatriz. **Expressões da Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SHILLER, Friedrich. **O trato do sublime.** Disponível em: <http://www.pt.wikipedia.org/org/wiki/sublime> - (estética). 2009> Acesso em 1º de janeiro de 2014

SÓFOCLES, **Édipo Rei.** Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2007.

STEVENSON, R. **O estranho caso do dr. Jekyll e Mr. Hyde.** Lisboa: D. Quixote, 2010.

UNAMUNO, Miguel de. **Do sentimento trágico da vida nos homens e nos povos.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala.** A linguagem silenciosa da
Submissão: junho de 2024. Aceite: julho de 2024. Publicação: novembro de 2024.

Submissão: junho de 2024. Aceite: julho de 2024. Publicação: novembro de 2024.